



Reminiscências da Covid - 19: Crônica 1

Rita de Cássia Dutra de Alencar Clark

Poetiza, professora de Língua Portuguesa e ativista cultural. Pós-graduada em “Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo” (PUC-Rio, 2008) com a monografia “Milton Hatoum – Um certo olhar pelo Oriente-Amazonico”.

Posso dizer, hoje, que venci a Covid-19! Consegui fazer uma faxina na cozinha, no meu quarto... ah... e no banheiro! Eu havia tentado há alguns dias, imprudentemente, mas fui vencida pelo cansaço! Logo percebi que tinha feito uma bobagem! Enfim, nadei nos mares sinuosos do medo nestes dias, você sabe que o vírus te pegou, afinal. Um susto e a inevitável insegurança quer apossar-se da sua alma! Mas você percebe que precisa ser mais esperto que ele, o medo...

O lobo fareja o medo, nós humanos, o medo nos apodrece por dentro, os cânceres surgem e o desequilíbrio se estabelece no seu organismo.

Penso que não há o que fazer, a não ser, seguir as recomendações médicas e... Rezar!

Rezar, por mim, pela minha filha, que também estava com Covid, rezar por meus dois outros filhos, pelos meus irmãos, pelo povo amazonense, pelos povos da Floresta! Rezar e entregar às entidades, aos encantados, às nações indígenas que estão pisando este chão há pelo menos dez mil anos!

Este povo é sagrado e resiste, pois tem a missão sagrada de proteger a Floresta! Como podemos ser tão maltratados?

E de rezar e entregar ao Pai, resolvi fazer a tal faxina... Gente, vocês vão achar maluquice minha, e provavelmente deve ter sido mesmo! Mas eu conheci mais intimamente um bichinho de banheiro, muito apropriadamente, chamado de "vizinho". Neste estado da Covid-19, lá pelo décimo dia, dá uma espécie de *reset* mental; pois bem, eu chorava por tudo, a vida era um passo à frente e Deus providencia o chão. Vai! Estava tomando banho, aquele pra aproveitar e chorar? “*Tears in the rain, time to die*” ⁽¹⁾, por aí... quando comecei a prestar atenção no bichinho dentro do box, já estava quase matando o bichinho, resolvi deixar ele viver...

Eu parei e pensei: que impulso de matar é esse que temos? É só um bichinho, decidi deixá-lo lá. Gente, eu não sei o que aconteceu, mas a minha filha disse que eu estava “pirando”.

“Filha, são as pragas do apocalipse!”



Sério... de um dia para o outro do indulto concedido ao “vizinho”, ele resolveu trazer a família toda para o meu banheiro, parecia a festa dos amigos do *Ratatouille* ⁽²⁾, meu box lotado de "vizinhos"! A melhor definição desses bichinhos de banheiro é a seguinte: "não se aproxima da gente, não pica e a única função dele é ver a gente pelado no chuveiro!", o que explica o nome. Mas guerra é guerra... Fui para o Google: “Como exterminar bichinho de banheiro I”. Caraca!

Agora, sério, o melhor disso tudo foi a minha disposição, minha emoção de ter passado por esses dias de Covid-19, de estar viva, com leveza no coração por ver meus filhos bem, amigos e irmãos saudáveis. Sim, atravessei um mar muito bravo, o do medo, e cheguei à margem. Muitos outros não chegaram. Meu choro de hoje foi por pensar o quão tristes e miseráveis são os enterros que a nossa gente está tendo... Que tamanho tem essa tristeza, para quem vai e para quem fica? Se pudessem, ao menos, ter um ente amado ao seu lado...nada, nem adeus, nem um último olhar de afeto! Portanto, eu dedico o meu olhar amoroso de poeta a todos os que se foram sem uma Cerimônia de Adeus, de compaixão.

- Um dia, sem medo, há de surgir!

Notas

(1) “Tears in the rain, time to die” é uma frase do célebre monólogo da cena final do filme *Blade Runner*, de Ridley Scott (1982), proferida pelo personagem Roy Batty, vivido pelo ator holandês Rutger Hauer.

(2) *Ratatouille* (2007) é um filme de animação realizado pelos estúdios Pixar e dirigido por Brad Bird. Conta a história de Remy, um rato que almejava se tornar chef de cozinha.